

# ANÍSIO TEIXEIRA E SUA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Ireneu Aloisio Schmidt<sup>1</sup>

“...Anísio Teixeira projeta definitivamente todos os seus ensinamentos práticos e teóricos rumo ao século 21. Tudo o que ele pensou, escreveu, colocou em prática ou fez tentativas nesse sentido continua vivo, pulsando (...) no processo educacional brasileiro. No seu caso, não é próprio conjugar o verbo no passado. Anísio não *foi* – ele *é* e *será*...” (TURIBA, 2000, p. 40).

**RESUMO:** O presente artigo sobre a filosofia da educação de Anísio Teixeira, inspirada no pragmatismo, busca resgatar aspectos de sua obra teórica e prática pelas significativas alternativas de solução que oferece aos problemas educacionais atuais, enfocando o contexto e os momentos mais significativos de sua trajetória pela educação brasileira, os pressupostos teóricos que embasam sua filosofia e sua influência na educação brasileira, visualizando a partir da mesma uma possível reconfiguração dos espaços da aprendizagem, a importância e a atualidade

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação nas Ciências – Área: Filosofia. Professor de Filosofia, Filosofia da Educação, Instituições de Direito Público e Privado, e de Direito Comercial da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus de São Luiz Gonzaga – São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul, Brasil.

de Anísio Teixeira, que parece ter sido relegado por razões hoje não mais tão óbvias e convincentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Anísio Teixeira, Filosofia da Educação, educação brasileira.

**ABSTRACT:** This paper on Anísio Teixeira's philosophy of education inspired on pragmatism tries to recover aspects of his theoretical and practical work for the significant solution alternatives that it offers to the current educational problems. It focuses on the context and the most significant moments of his course through the Brazilian education, the philosophical bases of his philosophy and its influence on Brazilian education, visualizing a possible rebuilding of the spaces of the learning as well as Anísio Teixeira's magnitude, who seems to have been relegated by reasons no more so obvious and convincing nowadays.

**KEY-WORDS:** Anísio Teixeira, Philosophy of the Education, Brazilian education.

## **INTRODUÇÃO**

Uma das razões que, entre outras, levou-nos ao presente estudo investigativo, com temática em filosofia da educação na linha de pesquisa das teorias da pedagogia e da formação do educador, sobre Anísio Teixeira e sua Filosofia da Educação, foi o desejo de realizarmos, acima de tudo e simultaneamente, um aprofundamento e um resgate de nossos próprios conhecimentos sobre um dos grandes expoentes da filosofia da educação brasileira.

As questões básicas que nos impulsionaram ao mesmo são: Por que não nos falaram sobre Anísio Teixeira e sua Filosofia da Educação?!... Se Anísio Teixeira é um dos grandes pensadores filosófico-pedagógicos brasileiros, um dos mais importantes introdutores do pragmatismo no Brasil e se é representante de uma filosofia da educação com um conteúdo fortemente contemporâneo, por que, então, Anísio Teixeira foi 'esquecido' por tanto tempo? Outrossim, o que é intrigante e curioso em tudo isso - e

que contribui para aguçar nosso interesse sobre o tema - é o fato de termos passado praticamente todo o curso de graduação sem ouvir quase nada de nossos professores a respeito do pragmatismo e sobre a vasta obra teórica e prática de quem como poucos pensou a educação no Brasil e que parece ser um dos primeiros e mais significativos representantes do pensamento filosófico-pedagógico brasileiro, que é Anísio Teixeira. Pior ainda! Acabamos repetindo, em consequência, com os nossos alunos de Filosofia da Educação e por vários anos, o mesmo pecado que os professores dos cursos de graduação e de pós-graduação na área da educação e da filosofia cometeram conosco ao não nos estimularem a conhecer mais profundamente e melhor a Filosofia da Educação de Anísio Teixeira.

A retomada da obra teórica e prática de Anísio Teixeira poderá, portanto, representar valiosa contribuição não apenas para a Filosofia da Educação, para a formação do educador, para a reaproximação do conhecimento científico e técnico com a reflexão filosófica, como poderá também levar à construção de uma sociedade mais democrática, à formação do cidadão e ao desenvolvimento de uma educação mais adequada ao mundo atual em rápida transformação. Ou como diz o próprio Anísio:

“Uma educação em mudança permanente, em permanente reconstrução, buscando incessantemente reajustar-se ao meio dinâmico da vida moderna, pelo desenvolvimento interno de suas próprias forças mais bem analisadas, bem como pela tendência de acompanhar a vida, em todas as suas manifestações” (TEIXEIRA, 2000, p. 12).

Esperamos que um estudo revisivo sobre Anísio possa ser útil, de alguma forma, a estudantes, professores e pessoas envolvidas com a educação ou que, preocupados com os rumos da educação e o papel da escola no mundo atual, buscam fundamentos, inspiração ou referência nos clássicos da educação para um melhor encaminhamento dos problemas educacionais que enfrentam. Quem sabe, ao final, possam também dizer como Paulo Ghiraldelli Jr.: “Li e... êpa, não é que aí tem coisa interessante?” (2000, p. 28).

## O contexto da luta de Anísio Teixeira por novos rumos na educação

Para uma compreensão mais adequada de sua luta por novos rumos para a educação brasileira, entendemos necessário situar Anísio e sua obra no contexto histórico, político, econômico, filosófico, cultural e pedagógico em que está inserido e no qual o Liberalismo, o Pragmatismo e a Escola Nova são elementos fundamentais, pois necessariamente integram esse entorno e em vários setores da sociedade brasileira de então se percebem esforços para a adoção de medidas mais liberais, procura de mudanças sociais e introdução de um espírito mais democrático, juntamente com reais tentativas de construção de uma identidade nacional e cultural para o Brasil, com maior autonomia interna e menor dependência externa. Os ideais do Liberalismo, o sonho de mudanças e o espírito renovador, no entanto, não encontraram, na época, apoio por parte da sociedade tradicional e oligárquica do Brasil, razão pela qual a introdução do ideário renovador, liberal e democrático na esfera educacional enfrenta não só restrições como também forte oposição da ala conservadora e católica. Ademais, o *liberalismo igualitarista*, inspirado em John Dewey e defendido por Anísio Teixeira, alegava que a sociedade capitalista tinha a tendência “espontânea” de perpetuar os dualismos, as iniquidades, os privilégios e as injustiças, utilizando a educação para reforçar o *status quo* e desenvolver um individualismo mais econômico pela natureza mecânica do progresso material, ao invés de uma sociedade verdadeiramente democrática de respeito às individualidades. Para combater tal situação, Anísio propunha a *pedagogia da escola nova* que visualiza a escola como réplica e miniatura da sociedade democrática para produzir indivíduos orientados para a *democracia*, e não para a dominação ou subordinação; para a *cooperação*, em vez da competição; para a *igualdade*, e não para a diferença (CUNHA apud TEIXEIRA, 1997, p. 11). Por isso, também Anísio não é aceito, e sua recuperação só começa a dar-se quando a hegemonia do discurso marxista começa a entrar em declínio, coincidindo mais ou menos com a aproximação do centenário de seu nascimento.

O contexto e os momentos mais significativos da trajetória de Anísio Teixeira em prol da educação brasileira ocorrem entre os anos de 1924 e 1964. Aliás, vale ressaltar que o espaço de tempo que vai do final do século XIX aos meados do século XX caracteriza-se como um período de profundas transformações para as sociedades do mundo ocidental em que as mudanças assumiam uma celeridade jamais vista antes no campo social, na ciência, na economia, na política, na educação, na moral e nos costumes. E aqui no Brasil, as décadas iniciais do século XX caracterizam-se, também, como um período de mudanças, de inquietação e de luta pela emancipação econômica e cultural do país em busca das raízes de sua identidade e de uma cultura nacional, manifestadas através de todo um conjunto de esforços empreendidos para a superação dos problemas econômicos, educacionais e sanitários que afetavam a população de um vasto território, através de um projeto de transição para a modernidade que fosse capaz de promover a democracia social, de romper com a dependência econômica e cultural externa e de reconstruir a sociedade brasileira através da educação. Neste sentido surgem inúmeros movimentos de contestação em vários setores e em diferentes pontos do território nacional. No campo cultural, os integrantes da Semana da Arte Moderna de 1922, em São Paulo, anseiam por uma nova mentalidade nacional, emancipada das influências européias. Na política, também em 1922, o movimento do “tenentismo”, na Revolta de Copacabana, traduz o descontentamento de segmentos médios urbanos com a oligarquia dominante e, talvez, por influência das greves e da Revolução Russa é criado o Partido Comunista do Brasil, embora de breve atuação legal.

Ainda dentro desse clima de descontentamento e de busca de novos rumos ocorrem a revolta gaúcha de 1923, a de São Paulo em 1924, além da marcha guerrilheira da Coluna Prestes pelo território brasileiro de 1924 a 1927. Cumpre salientar, outrossim, que alguns desses movimentos eram bem vistos pela burguesia urbana, que, ao contrário da oligarquia agrária dominante, estava desejosa de mudanças políticas e econômicas. E para completar o quadro de inquietação política e de intranquilidade social, soma-se, em 1929, o problema econômico da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, que afeta o mundo inteiro, desencadeando aqui a crise do café e causando queda nas exportações. Todo esse clima de instabilidade

é intensificado ainda mais por uma conturbada campanha de sucessão presidencial que, em 3 de outubro de 1930, faz eclodir no Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Estados do Nordeste a chamada Revolução de 30 que acabou depondo Washington Luis da presidência da República e levando Getúlio Vargas ao poder, em 03 de novembro, como chefe do Governo Provisório.

Paralelamente a isso, em consequência da Queda da Bolsa de Valores de Nova York, surge nos Estados Unidos, nos anos de 1930, a política do *New Deal* para tentar reorganizar a vida econômica americana através de financiamentos às empresas e de programas sociais de combate à miséria, ao desemprego, propiciando um liberalismo mais igualitário e evitar que as massas populares fossem seduzidas pelos ideais socialistas (CUNHA, 2001, p. 87). E foi exatamente nesse ambiente que caracteriza o final do século XIX aos meados do século XX que John Dewey escreveu e publicou suas obras, colocando-se claramente a favor de uma nova sociedade mais democrática e de uma escola mais sintonizada com um mundo em permanente transformação.

Os brasileiros, no período dos anos de 1930, também acreditavam que o país começava a integrar-se ao processo de industrialização e urbanização que marcava as nações desenvolvidas do mundo de então e, por isso, a idéia da modernização contagiou, também, os nossos intelectuais, indicando para a necessidade de transformações urgentes, tanto nos setores produtivos como na mentalidade da população em geral. Enfim, era indispensável para a modernização, uma renovação de hábitos, de comportamentos e do modo de pensar do homem brasileiro. Assim, conforme Marcus Vinícius Cunha:

Apesar da sensível distância entre o ambiente de John Dewey e a situação brasileira, o fato é que o Brasil viveu, nas décadas de 1930 a 1950, momentos claramente marcados pelo espírito de modernização, sinônimo de mudança urgente e única via capaz de colocar o país em pé de igualdade com as nações mais prósperas do mundo ocidental (2001, p. 87).

Ademais, a escola, no contexto da época, era vista como um espaço privilegiado para promover a transformação da sociedade através da educação e de movimentos de renovação e de esforços de transformação realizados em diferentes esferas da vida nacional. Por isso, tanto intelectuais da cultura, da educação e da saúde se empenham numa verdadeira batalha para acabar com a dependência externa, identificar e combater problemas e males como o analfabetismo e a debilidade física que atingiam a população brasileira e que eram incompatíveis com o estágio de uma sociedade moderna e civilizada. Anísio Teixeira é um desses intelectuais que, a partir de 1924, começa a se destacar entre o grupo de educadores preocupados em reformar o sistema de educação do país.

### **Alguns dados biográficos de sua trajetória pela educação brasileira**

Anísio Spínola Teixeira nasceu em Caetité, no sertão da Bahia, no dia 12 de julho de 1900, filho de Anna Spínola Teixeira e Deocleciano Pires Teixeira, influente médico e abastado proprietário de terras, ligado ao PL. Em 1912, iniciou o ginásio no colégio jesuítico Instituto São Luiz Gonzaga. Em 1914, foi para o Colégio Antonio Vieira, também jesuíta, em Salvador. Em 1922, formou-se em Direito, na Universidade do Rio de Janeiro e, apesar da oposição paterna, pretendia entrar para a Companhia de Jesus. No entanto, demovido da idéia pela família, Anísio volta à Bahia, em 1924, para candidatar-se a uma vaga de promotor público. Contudo, Anísio Teixeira decidiu nem seguir a carreira jurídica, nem a vida religiosa como pretendia e nem a vida político-partidária - como sonhava seu pai - vez que, no dia 9 de abril do mesmo ano, aceitou o convite do governador Góes Calmon para assumir o cargo de Inspetor Geral do Ensino na Bahia.

Dessa forma, acabou sendo educador por opção, eis que, entre as diversas alternativas que tinha a sua frente, optou pela mais difícil, assumindo-a com todos os riscos, pois naquela época a educação não oferecia perspectivas de atividade profissional e, como ainda hoje, gozava de muito pouco reconhecimento social. Entretanto, colocada à prova ao longo de sua trajetória, esta opção prevaleceu diante de outras mais atraentes que surgiram. E no exercício do novo cargo, entre várias outras

tarefas importantes, Anísio Teixeira empreende a reforma da instrução pública da Bahia e consegue a aprovação do regulamento do ensino primário e normal, iniciando a luta pela educação que passa a marcar toda a sua vida a partir de então, tudo levando a crer que as leituras realizadas, as teorias educacionais estudadas e sua aplicação prática certamente mexeram com a cabeça de Anísio no sentido de despertar-lhe o desejo de aprofundar e ampliar mais os seus conhecimentos a respeito da educação e dos sistemas de ensino de outros países com o intuito de aperfeiçoar os serviços da educação na Bahia. Por isso, em 1925, partiu para a Europa em viagem de estudo e de observação dos sistemas educacionais da Bélgica, Espanha, França e Itália que, certamente, foram decisivos para sua atividade como educador e intelectual. Em 1927, viajou para os Estados Unidos para estudar a propalada organização escolar americana, altamente inovadora, da escola progressiva e da teoria educacional de base científica e experimental do pragmatismo do filósofo John Dewey, um dos principais fundamentos da *Escola Nova*. No retorno ao Brasil, Anísio reassumiu a Diretoria da Instrução Pública da Bahia e, em virtude das reformas que realiza, passou a receber severas críticas dos opositoristas devido à eliminação da vitalidade do magistério e, também, porque colocara em prática idéias que “representavam uma agressão àquela sociedade agrícola e oligárquica” (VIANA FILHO, 1990, p. 47). Começaram aí as primeiras manifestações de oposição e de resistência ao espírito inovador e democrático dos projetos educacionais de Anísio Teixeira, eis que apontavam para rumos opostos aos da índole conservadora e elitista da classe oligárquica instalada no poder.

Em função disso, e por incompatibilidade com o novo Governador baiano Vital Henrique Batista Soares, deixou, em 1928, o cargo de Inspetor-Geral do Ensino da Bahia para ser nomeado professor de Filosofia e História da Educação da Escola Normal de Salvador. No mesmo ano publicou *Aspectos americanos da educação*, em que analisa o funcionamento das instituições de ensino norte-americanas e as idéias de John Dewey. Entretanto, o estudo dos problemas da educação brasileira e das novas teorias educacionais fizeram Anísio Teixeira viajar novamente para os Estados Unidos para realizar o curso de pós-graduação em Ciências da Educação, na Universidade de Colúmbia, em Nova York,



onde se tornou discípulo de John Dewey e de William Kilpatrick, autores decisivos para o seu pensamento filosófico-pedagógico e para a construção de um programa de lutas pela educação no Brasil. E em 1929, após frequentar por dez meses como bolsista o *Teacher's College of Columbia University*, obteve o título de *Master of Arts*, retornando ao Brasil para lecionar Filosofia da Educação na Escola Nacional de Educação, em Salvador, e difundir aqui as idéias do pragmatismo deweyano com a publicação *Por que Escola Nova?*

Após o falecimento de seu pai, em 1930, Anísio transferiu-se para o Rio de Janeiro em busca de trabalho, levando em mãos, segundo Ghiraldelli Jr., citado por Angelo Pagni (2000, p. 14 e 225), uma cartinha de apresentação a Fernando de Azevedo - Diretor Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro - escrita por Monteiro Lobato, nosso “comunista” amante da América e clássico acima de qualquer mediocridade, que viu em Anísio Teixeira alguém que poderia auxiliar Fernando de Azevedo no trabalho de revolucionar a educação brasileira. Já no ano seguinte, a convite do Interventor do Distrito Federal, Pedro Ernesto Batista, Anísio Teixeira assumiu o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro em substituição ao amigo Fernando de Azevedo, passando igualmente a integrar uma comissão no Ministério da Educação e Saúde, recém-criado pelo novo governo, na qual é encarregado de estudar a reorganização do ensino secundário nacional.

E foi assim que um durkheimiano como Fernando de Azevedo conviveu com um pragmatista como Anísio Teixeira. Então, pensamentos que se digladiavam no exterior – sociologia positivista francesa *versus* filosofia pragmatista norte-americana – aqui encontravam um campo de apoio mútuo e criatividade (GHIRALDELLI JR apud PAGNI 2000, p. 13).

De fato, segundo Ghiraldelli Jr., citado por Pagni (2000, p. 14), a partir da carta de Lobato, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo começaram uma amizade que, realmente, revolucionou a educação brasileira, pois eles, juntamente com outros, dividiram a história da educação brasileira em duas grandes etapas: *antes* e *depois* do Manifesto

dos Pioneiros da Escola Nova de 1932; *antes e depois* de suas investidas no campo teórico, fazendo sociologia e filosofia da educação, e de suas investidas na vida política, construindo e gerenciando instituições pedagógicas substantivas.

De 1931 a 1935, na Direção Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro, Anísio Teixeira fez uma gestão que o projetou nacionalmente, pois neste período em 1932, criou o Instituto de Educação, onde foi professor de Filosofia da Educação; assumiu a presidência da Associação Brasileira de Educação (ABE); foi um dos signatários mais notáveis do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*; casou-se com Emília Telles Ferreira; em 1933, foi nomeado diretor do recém-criado Departamento de Educação do Distrito Federal; e em 1934, publicou os livros *Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação* e *Em marcha para a democracia*.

Em 1935 Anísio Teixeira foi indicado Secretário Geral de Educação e Cultura da capital federal, onde empreendeu um projeto de reformas no sistema escolar, que revolucionou o ensino público da cidade do Rio de Janeiro, e criou a Universidade do Distrito Federal (UDF), uma universidade brasileira, nossa, produto da comunidade, concebida como centro de busca da verdade, da investigação e pesquisa, com o objetivo de ampliar o espírito científico, incentivar o trabalho intelectual e formar professores em nível superior. A criação da UDF, que entusiasmou os intelectuais liberais e provocou arrepios nos setores militantes da Igreja, representava a concretização dos ideais reformadores de Anísio Teixeira e dos assinantes do Manifesto de 1932. Entretanto, o levante conhecido como “Intentona Comunista”, eclodido no Rio de Janeiro em novembro de 1935, embora rapidamente esmagado, desencadeia uma onda repressiva em todo o país e o prefeito Pedro Ernesto é preso sob a acusação de envolvimento com a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e destituído de suas funções. Além disso,

para a Igreja, a UDF ameaçava especialmente pelo seu caráter laico, percebido como anticatólico, já que abrigava tendências hostis à Igreja, inclusive, esquerdistas (‘bolchevizes’). Esta, aliás, a acusação que lhe era dirigida e que encontraria eco no

contexto político da época (MENDONÇA, 1993, p. 230-231).

Como resultado, o reitor e vários professores da UDF perdem seus cargos. Por essas perseguições e, também, por haver recebido ameaças de prisão, em 1936, Anísio Teixeira pediu demissão de seu cargo de Secretário de Educação do Distrito Federal e embarcou para Buenos Aires, publicando a obra *Educação para a democracia: introdução à administração escolar*. Em seu retorno ao Brasil, novamente ameaçado de prisão, deixou o Rio de Janeiro em direção ao sertão da Bahia. Assim, de 1937 a 1945, durante a ditadura do Estado Novo, proscrito de suas atividades mais caras, inicia um auto-exílio de dez anos, trocando a cabeça pelos braços, pois se dedicou à exploração de manganês, calcário e cimento; à comercialização de automóveis; à tradução de livros para a Companhia Editora Nacional; e a administrar junto com os irmãos Jaime e Nelson a Sociedade Importadora e Exportadora, (SIMEL), que exportava minérios e importava locomotivas e material ferroviário.

Em 1946, com o final da Segunda Guerra Mundial e com a restauração do regime democrático, foi constituída a ONU e em seu âmbito a UNESCO, dirigida por Julian Huxley, que convidou o amigo Anísio Teixeira para ser conselheiro na área da Educação Superior junto à UNESCO (em fase de organização). Anísio seguiu então para a Europa e morou, durante algum tempo, em Londres e Paris. Porém, a falta de condições financeiras para a realização de seus projetos na UNESCO fez Anísio voltar ao Brasil.

Em 1947, no entanto, Anísio Teixeira mais uma vez deixou seus negócios para assumir a Secretaria de Educação e Saúde da Bahia do recém-eleito governador Otávio Mangabeira e, fiel aos princípios do Pragmatismo e da Escola Nova, realiza uma gestão memorável e concretiza uma de suas mais importantes idéias: a construção de centros populares de educação em todo Estado para jovens até 18 anos. Entretanto, a única escola concluída desse projeto inovador foi o Centro Popular de Educação Carneiro Ribeiro, no bairro popular da Liberdade, em Salvador, inaugurado em 1950. Esse projeto inovador de Anísio tornou-se conhecido como *Escola Parque*, onde testou e introduziu

novas concepções de educação, com horário integral, e que serviu de modelo aos CIEPs.

Em 1951, Anísio Teixeira foi chamado ao Rio de Janeiro pelo ministro da Educação Simões Filho para organizar e comandar a Campanha, posteriormente, Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), acumulando, também, a partir de 1952, o cargo de Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP)... até 1964.

Em 1955 criou o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Em 1956 publicou *Educação e a crise brasileira*. Em 1957 publicou *Educação não é privilégio*. Em 1961 participou da discussão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e, na condição de conselheiro do presidente Kubitschek para assuntos relacionados à educação, Anísio Teixeira é convidado para elaborar o plano educacional da nova capital no que respeita ao ensino primário, secundário e profissional, bem como para criar, juntamente com Darcy Ribeiro, a Universidade de Brasília (UnB), que começou a funcionar em abril de 1962, exercendo o cargo de vice-reitor quando, também, foi nomeado membro do Conselho Federal da Educação. Em 1963, passou a ocupar a presidência da Comissão Nacional do Ensino Primário e assumiu interinamente o cargo de reitor da Universidade de Brasília (UnB) em substituição a Darcy Ribeiro, que passou para a chefia do Gabinete da Presidência da República de João Goulart.

Em 1964, foi aposentado compulsoriamente pelo golpe militar de 31 de março e, aconselhado por amigos, saiu do País com autorização do presidente Castelo Branco para atuar como educador no Chile. Educador de prestígio internacional, foi convidado também a lecionar como professor visitante em importantes universidades norte-americanas, como a Universidade de Colúmbia, em Nova York, em 1965, e a Universidade da Califórnia, em Los Angeles. No ano de 1966, no entanto, Anísio retornou ao Brasil como tradutor da Editora Nacional e como consultor da Fundação Getúlio Vargas. Em 1967 participou da conferência sobre a “A crise mundial da educação” nos Estados Unidos. Em 1968 publicou *Educação é um direito* e, em 1969: *Educação no Brasil e Educação e o mundo moderno*.

Em 1970, Anísio Teixeira recebeu o título de professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E, em 11 de março de 1971, no Rio de Janeiro, foi encontrado morto no poço do elevador do edifício onde morava seu amigo Aurélio Buarque de Holanda, na avenida Rui Barbosa, a quem iria visitar para obter apoio a sua candidatura à Academia Brasileira de Letras (CPDOC/FGV, 2000, p. 7).

### **Anísio Teixeira visto por seus pares**

Para Fernando de Azevedo, conforme relata Elisete Tomazetti, Anísio Teixeira foi, na educação, “o estimulador e o servidor das grandes causas, dando tudo sem pedir nada, a não ser licença para trabalhar em paz, porque nunca a admitiu para pensar e dizer o que pensa com uma coragem que vai até a audácia, uma independência até a rebeldia” (2000, p. 7). E Darcy Ribeiro afirma que Anísio foi essencialmente um educador: “Quero dizer, um pensador e gestor das formas institucionais de transmissão da cultura, com plena capacidade de avaliar a extraordinária importância da educação escolar para integrar o Brasil na civilização letrada” (RIBEIRO apud TEIXEIRA, 1999, p. 7).

O sociólogo Florestan Fernandes (1966, p. 164), ao referir-se à luta de Anísio pela escola pública, caracteriza-o como um educador militante que compreende claramente que a mudança na educação não é mera retórica, mas ação e transformação social. Assim,

ao assumir uma posição de liderança no movimento dos educadores brasileiros pela ‘escola pública, universal e gratuita’, Anísio Teixeira expôs-se aos riscos mais severos, mas está contribuindo de forma excepcionalmente positiva para o progresso de padrões democráticos de concepção do ensino em nosso País. Desse ponto de vista, é de lamentar-se o tímido apoio que lhe deu a *Associação Brasileira de Educação*, através de um manifesto em que a ‘diplomacia’ venceu a confiança dos educadores em sua própria causa (FERNANDES, 1966, p. 564).

Aliás, sobre o papel de Anísio Teixeira no contexto educacional brasileiro, Dermeval Saviani, embora reconhecido como crítico do movimento escolanovista e de Anísio, em artigo recente e bastante elucidativo, disponível no site [www.filosofia.pro.br](http://www.filosofia.pro.br), não somente rende sua homenagem a Anísio Teixeira por ocasião do transcurso do centenário de seu nascimento como também fala sobre a atualidade e o contexto em que Anísio viveu, proclamando-o como grande educador e dizendo que somos forçados a continuar insistindo nos pontos que Anísio Teixeira se cansara de repetir e que a luta de Anísio de ontem continua sendo, ainda, a nossa luta de hoje Saviani destaca Anísio Teixeira como um *clássico da educação brasileira*, cuja obra ultrapassa sua época, adquirindo validade universal e se tornando referência para outros períodos históricos e seu estudo se torna uma exigência para a formação das novas gerações de educadores, assim como para a compreensão e equacionamento dos problemas educativos que a sociedade brasileira vem enfrentando. Enfim, caracteriza Anísio Teixeira como

Educador progressista; discípulo de Dewey; admirador da cultura e educação americanas, estava atento às condições brasileiras e não transplantava, simplesmente, o sistema americano e não encarava de forma romântica os princípios da educação renovada disseminadas pelo movimento conhecido por 'escolanovismo' (SAVIANI, 2002, p. 2).

Dermeval Saviani (2002, p. 2) declara ainda que na trajetória de Anísio Teixeira podemos ver reunidas na mesma pessoa as figuras do pensador da educação, do administrador do ensino público, do organizador da pesquisa pedagógica e do incansável defensor do direito de todos os brasileiros a uma educação pública de qualidade. O grande tema de sua obra teórica e prática e, portanto, de sua vida, foi a relação educação-democracia. Esta, aliás, foi sua grande luta à qual se dedicou por inteiro. Foi em torno da instituição de uma escola democrática e popular que garantisse a todos os brasileiros uma educação qualitativamente à altura das exigências da sociedade moderna em crescente industrialização e

urbanização que Anísio Teixeira se dedicou incansavelmente. Conclui Saviani, dizendo:

Em suma: Anísio Teixeira não é apenas um marco na história da educação brasileira que deve ser estudado para conhecermos uma importante faceta e um personagem fascinante do nosso passado educativo. Ele deve ser estudado porque, tendo se tornado clássico, nos deixou uma obra que ultrapassa a sua época e como tem elementos que são essenciais à nossa própria formação e que iluminam o nosso entendimento de problemas que continuam a desafiar a nossa capacidade analítica e a nossa disposição para a ação (SAVIANI, 2002, p. 2).

Segundo Clarice Nunes (1999, p. 63-64), Anísio Teixeira afirmou com clareza os princípios que o orientavam como educador e disciplinavam sua ação nos órgãos públicos, declarando que era contrário à educação como processo exclusivo de uma elite, ao analfabetismo, à ausência, à evasão e à repetência escolar; era contra a falta de um ensino médio adequado às exigências da sociedade moderna, a seletividade extrema no ingresso às universidades, o esvaziamento do ensino superior e a dispersão de esforços no ensino em escolas improvisadas. Era favorável a uma escola organizada para garantir uma formação básica e comum ao povo brasileiro, à aplicação dos recursos públicos assegurados pela Constituição à Educação, para garantir a cada brasileiro o mínimo fundamental de educação gratuita, ou de somente custear com recursos públicos a educação pós-primária de alunos escolhidos em competição por esforço e inteligência. Era, enfim, a favor de uma educação voltada para o desenvolvimento, que realmente habilitasse a juventude brasileira à tomada de consciência do processo de autonomia nacional. E conclui “Este pensador liberal foi acusado de comunista em vários momentos da sua vida pública, sobretudo pelos setores mais conservadores da Igreja Católica. No entanto, como afirmava, jamais leu Marx” (NUNES, 1999, p. 63).

### **Afrânio Coutinho, como outros autores, acredita que**

Anísio Teixeira foi uma vítima deste espírito, pois de 1928 a 1971, lutou, trabalhou, pregou, realizou para resolver problemas da nossa

educação. Atuou em todos os níveis, mas nunca lhe deixaram o caminho livre. Civis, militares e religiosos identificaram-se na tarefa inglória de impedir a sua ação renovadora. Pregaram-lhe nas costas etiquetas das mais mentirosas... COMUNISTA, TEÓRICO, AMERICANÓFILO, ESTRANGEIRADO. Com isso, impediram qualquer tentativa de sua clarividência e capacidade de visualizar o problema educacional brasileiro. E com isso desperdiçaram uma extraordinária oportunidade de resolvê-lo, melhorá-lo, encaminhá-lo para o bem público, para uma educação para todos, sem discriminação, globalizante. [...] A extraordinária inteligência de Anísio enxergava tudo com lucidez. Era um espetáculo intelectual assisti-lo debater idéias filosóficas ou pedagógicas. O Brasil não resiste a essas demonstrações de superioridade e inovação (COUTINHO apud TEIXEIRA, 1999, p. 14).

Conforme Tomazetti, talvez por isso, após sua morte em 1971, Anísio Teixeira ficou durante algumas décadas esquecido dos nossos historiadores e pensadores da educação, pois “sua obra, por remeter ao pensamento pragmatista norte-americano, a Dewey e ao movimento da escola nova, causava mal-estar num período em que o referencial dominante na educação brasileira era o marxismo” (2000, p. 8). Destarte, sob o rótulo de liberal e a acusação de ter americanizado nosso sistema educacional, Anísio Teixeira é muito pouco estudado nos cursos de formação de professores e de pesquisa em educação. Aliás, sobre os aspectos acima referidos da vida de Anísio Teixeira, é interessante o que escreve Paulo Ghiraldelli Jr. (2000, p. 23) quando, referindo-se ao autor em estudo, diz que existem pessoas com sorte e pessoas com azar. Há intelectuais com sorte e intelectuais com azar, e Anísio Teixeira não foi, segundo ele, um completo homem de sorte como intelectual. Ghiraldelli Jr. entende que o brilhantismo de Anísio merecia melhor destino...

Não muito diferente é a posição de Squinsani (2000, p. 89) quando afirma que, ao longo de quase toda a sua vida, Anísio Teixeira sofreu um intenso bombardeio *ideológico* dos privatistas da educação sob a liderança da Igreja Católica, devido a sua luta incansável em defesa da escola pública, leiga, universal e gratuita para todos. Suas idéias foram deturpadas e censuradas. Contudo, segundo a autora acima,



o ataque mais radical às suas idéias ocorreu nas décadas de 1970 e 1980. Logo após sua morte, surgiram novas correntes de pensamento, mas nem a *direita* e, menos ainda, a *esquerda* o queriam em suas fileiras por ser um liberal vinculado ao pensamento americano de John Dewey. Naquele contexto, ler Anísio Teixeira significava um retrocesso; defender o pensamento anísiano era ‘nadar contra a corrente’. Criou-se, então uma *tradição esquecida*. A partir da segunda metade da década de 1980, com a reedição de vários dos seus livros e com a proximidade do centenário de seu nascimento, Anísio parece ter recuperado seu lugar entre os grandes educadores do Brasil (SQUINSANI, 2000, p. 89).

A obra de Anísio Teixeira, enfim, constitui-se em uma reflexão séria, constante e profunda sobre os pressupostos, os fins, as condições e as possibilidades da educação para um mundo em mudança, para a construção de uma sociedade mais democrática e uma vida mais feliz para todos. Por isso mesmo, enaltecendo o árduo trabalho desenvolvido por Anísio no cenário educacional brasileiro, Saviani reconhece:

...Anísio Teixeira é na verdade um clássico da Educação brasileira. E por clássico eu estou entendendo que se trata de uma obra que, embora tenha sido produzida num determinado tempo, ela extrapola esse tempo e tem elementos de validade para outras épocas.(...) Em conseqüência trata-se de um autor que precisa ser estudado (SAVIANI apud SMOLKA e MENEZES, 2000, p. 163).

### **Influência do Pragmatismo na Filosofia da Educação de Anísio Teixeira**

O pragmatismo, em linhas gerais, é a forma que o empirismo tradicional inglês - que considerava válido o conhecimento baseado na experiência, a ela redutível e concebida como acumulação e organização progressiva de dados sensíveis, passados e presentes – assumiu nos

Estados Unidos e para o qual a experiência é abertura para o futuro, é previsão, é norma de ação. O pragmatismo critica as concepções filosóficas tradicionais à luz da ciência e do desenvolvimento social e recusa os ‘sistemas fechados, com pretensão ao absoluto’, voltando-se para o concreto, para os fatos, para a ação. Aliás, a própria palavra *pragmatismo* vem do grego *prágma*, que significa “ação” e, conseqüentemente, “prática”. Fundamental para o pragmatismo, portanto, é um forte antiabsolutismo, ou seja, a convicção de que todos os princípios devem ser considerados como hipóteses que funcionam ao invés de axiomas metafisicamente comprometidos. Sua força de expressão máxima, tanto na América quanto na Europa, ocorreu no primeiro quarto do século XX.

O pragmatismo, entretanto, segundo o professor José Francisco dos Santos (2000, p. 27), tem sido vítima de uma grave banalização, aliada a um desconhecimento generalizado de suas fontes. Daí a necessidade de uma releitura do pragmatismo sob uma ótica mais ampla e que inclua o seu sentido original com vistas à superação da visão fragmentada e reducionista que lhe foi atribuída ao longo do tempo. Ou seja a concepção de simples utilitarismo ou relativismo que em geral lhe é atribuído, conotação decorrente de uma interpretação superficial de James e que parece ter sido incorporada na concepção da maioria das pessoas, fazendo com que o pragmatismo se torne um grande desconhecido do mundo filosófico e, conseqüentemente, também, de nós brasileiros. Junta-se ainda a isso um preconceito muito forte contra tudo o que é norte-americano existente entre nós, incluindo-se a filosofia. E, segundo Bryan Magee, dos pragmatistas americanos o mais original foi Charles Sanders Peirce; o mais agradável de ler é William James; e o de projeção mais ampla, John Dewey. Assim, enquanto Peirce professa um pragmatismo lógico, propondo uma *teoria do significado*; James vê-o como método, propondo uma *teoria da verdade*; e John Dewey trata-o como instrumentalismo, propondo-o como uma *teoria da investigação, dos valores, da democracia e da educação*, eis que o pragmatismo está impregnado de um conteúdo educacional e um sentido filosófico muito significativo e fortemente contemporâneo, especialmente como filosofia de educação.

Cumpra ressaltar, portanto, que a inspiração pragmatista de Anísio Teixeira vincula-se mais especificamente ao pragmatismo americano e, dentro deste, ao instrumentalismo de John Dewey, colocado em prática por William Kilpatrick, cujas influências se estenderam e se exerceram de forma mais marcante no pensamento pedagógico brasileiro, principalmente através de Anísio Teixeira. Aliás, na Universidade de Colúmbia, em Nova York, onde John Dewey foi professor de Filosofia, e William Kilpatrick foi professor de Filosofia da Educação, segundo Anísio Teixeira, “costumava-se dizer, numa dessas generalizações felizes de estudantes, que Dewey diz o *que* se deve fazer e Kilpatrick o *como* se pode fazer em educação” (TEIXEIRA apud DEWEY, 1978, p. 32). Na verdade, os dois são, em muitos aspectos, complementares e ninguém pode julgar-se conhecedor da teoria de educação que ambos propõem, com a leitura das obras de um só desses autores. E a influência do Pragmatismo no pensamento filosófico-pedagógico de Anísio Teixeira e na educação brasileira parece dar-se principalmente pelas obras: *Democracia e educação*, pois trata-se de uma introdução à filosofia da educação como enuncia o subtítulo, e *Vida e educação*, que esboça a teoria educacional de John Dewey, e ainda pela *Educação para uma Civilização em Mudança* de William Kilpatrick, que condensa sua filosofia da educação.

Dessa forma, vale concluir que foi acima de tudo através de Anísio Teixeira que o pragmatismo deweyano se estendeu até o Brasil, influenciando decisivamente o pensamento pedagógico brasileiro como comprovam o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 e, em especial, a própria obra teórica e prática de Anísio Teixeira, estimulando fortemente as nossas primeiras reflexões mais sistemáticas em pedagogia, eis que – segundo Tomazetti – “juntamente com uma nova concepção de educação e dos meios para alcançá-la, o ideário renovador apresentava claros princípios filosóficos ou, como mais comumente se denomina, uma filosofia da educação”. (2000, p. 18).

### **A filosofia da educação de Anísio Teixeira**

A filosofia geral de vida de uma sociedade democrática, à qual Anísio

Teixeira se refere e defende, certamente era o pragmatismo deweyano segundo o qual nenhuma das soluções pode ser definitiva ou dogmática, eis que a filosofia de uma sociedade democrática, em permanente mudança e que aceita essa transformação como instrumento do próprio progresso, há que ser uma filosofia de hipóteses e soluções provisórias e cujo método será o experimental, para o qual as soluções propostas serão meras hipóteses sujeitas à confirmação ou rejeição pelas conseqüências. E isso é igualmente válido, em especial, para uma filosofia da educação voltada para um mundo em permanente transformação. Essa nova filosofia, capaz de unir saber prático e saber científico seria o pragmatismo desenvolvido principalmente por John Dewey, que Anísio assimilou e lhe possibilitou refletir as questões fundamentais da educação brasileira (TOMAZETTI, 2000, p. 17).

Percebe-se, portanto, que a filosofia da educação de Anísio Teixeira compreende criticamente o contexto socioeconômico-cultural de seu tempo e diferentemente do pensamento e da ação de outros Pioneiros da Educação Nova, Anísio Teixeira enfatiza sempre o pragmatismo deweyano e o papel da filosofia da educação tanto no contexto intelectual da época quanto no interior do movimento escolanovista (PAGNI, 2000, p. 28), acreditando que a soberania do povo proposto pela República para consolidar de fato a democracia dependia de uma escola pública, universal, gratuita, obrigatória e leiga.

Assim, para atender às exigências do movimento de renovação escolar e suprir a ausência de uma verdadeira filosofia da educação claramente constatada pelos pioneiros da educação nova, Anísio Teixeira, como filósofo dentro do movimento renovador da educação brasileira, propõe uma filosofia que valoriza o método experimental e as conquistas da ciência e uma filosofia da educação voltada para um mundo em mudança, publicando, em 1934, a sua *Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola* - obra que, a nosso ver, melhor traduz a forte carga filosófica do pragmatismo que impregna toda a atividade e todo o pensamento filosófico-pedagógico anísiano. Nela Anísio Teixeira firma seus princípios pedagógicos e didáticos e procura expor seu projeto pedagógico de consolidação da democracia

e com a visão crítica do filósofo atento à realidade como um todo e que repensa permanente sua teoria e sua prática, com uma perspicácia intelectual privilegiada e uma linguagem de fácil compreensão, discorre sobre o momento histórico e a tendência para a modernidade que caracteriza a sociedade brasileira da primeira metade do século XX, situando os desafios colocados, antevendo com muita sensibilidade o impacto das mudanças que a modernidade iria impor às políticas governamentais e o papel que a educação deveria desempenhar no processo de modernização do país, no avanço da ciência e da técnica e na compreensão dos novos valores que passam a nortear a vida humana nessa nova sociedade cada vez mais complexa e que, na ótica de Anísio Teixeira, só poderia ser uma sociedade democrática, não apenas como forma de governo, mas que adotasse a democracia como experiência de vida e onde a escola tinha o papel fundamental de educar o povo brasileiro para tal sociedade.

A natureza da civilização do nosso tempo é, para Anísio, a de uma civilização fundada na experimentação e, como tal, animada de um permanente impulso de movimento e contínua reconstrução, em que três grandes tendências gerais marcam a evolução que se está processando: *Uma nova filosofia de vida* pautada por uma atitude de otimismo, de coragem e de segurança que caracteriza a civilização em mudança; *o industrialismo ou a era da máquina*, entendido como uma nova concepção do homem visto como filho da ciência e de sua aplicação à vida a integrar o mundo inteiro como um todo, onde a indústria está integrando o mundo inteiro em um todo interdependente em que não só a matéria-prima, mas também a idéia e o pensamento são propriedade comum de todo homem numa enorme unidade planetária que esboça a “grande sociedade” que está a se constituir e para a qual o homem deve ser preparado como um membro responsável e inteligente; e *a democracia* vista como uma expressão ética da vida em que cada indivíduo conta como pessoa incapaz de se satisfazer com alguma forma de vida social que negue essencialmente a democracia.

Por isso, Anísio Teixeira propõe uma educação voltada para um mundo em mudança e uma escola que valoriza o educando, a atividade, a experiência e o interesse do aluno, a pesquisa, a reflexão e um *processo*

*ensino-aprendizagem* feito através de *projetos integradores* do saber para preparar cada homem para ser um indivíduo que pense, que se dirija por si, em uma ordem social democrática e industrial eminentemente complexa e mutável.

### **Considerações finais**

A filosofia da educação de Anísio Teixeira não contém a solução inteira para os dilemas do ato humano de educar, ensinar e aprender, mas aponta para novas perspectivas ou indica alternativas de solução válidas para os problemas educacionais de hoje, pois Anísio Teixeira foi um crítico não apenas dentro do movimento dos pioneiros da educação nova no Brasil mas de toda a sua obra e, como filósofo, permanentemente repensou sua ação pedagógica. Por isso mesmo sua filosofia da educação, voltada para um mundo em mudança, valoriza o método experimental a pesquisa, a sociedade democrática, a construção da cidadania, o industrialismo, uma nova moral baseada na ciência e a formação de um educador que tenha a atitude reflexiva e autocrítica do filósofo que repensa sua prática pedagógica, como hoje mais do que nunca se requer. Ou como afirma Tomazetti: “O espaço da escola e da sala de aula deveria propiciar elementos de pesquisa para os professores, considerados não apenas como transmissores de saber, mas sobretudo como capazes de reflexão e análise de sua prática e de seu espaço de atuação” (2000, p. 14).

Enfim, para Clarice Nunes, “A obra de Anísio Teixeira é um convite para que resgatemos o sentido da qualidade da educação no que tem de substantivo, ou seja, enquanto conjunto de transformações sociais que visam eliminar privilégios, hierarquias e desigualdades, o que se faz decisivo e urgente...” (2001, p. 15). E a pedagogia de Anísio acredita na utopia “que não aceita seres humilhados, diminuídos, amputados. A pedagogia mais próxima da utopia é a que coloca à disposição do ser humano toda a cultura humana” (TEIXEIRA apud NUNES, 2001, p.15).

Por tudo isso, acreditamos que um estudioso que se preza jamais poderá dizer de Anísio Teixeira: “*Não li...e não gostei!*”, pois, como

adverte Tomazetti, “antes de recusar Anísio, é preciso ler sua obra, seguindo o seu próprio exemplo: *criticamente*.” (2000, p. 19). E, se outrora era lícito “desconhecer” ou “esquecer” Anísio Teixeira, hoje parece lícito e fundamental *ler e conhecer bem* sua obra teórica e prática para uma melhor compreensão da história e da filosofia da educação brasileira.

## **Bibliografia**

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – (FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS) Exposição. **Anísio Teixeira**: a construção da educação brasileira. Brasília: CPDOC/FGV, 2000.

CUNHA, Luiz Antônio. In: TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a Democracia**: introdução à administração escolar. 2. ed. Rio de Janeiro, 1997.

CUNHA, Marcus Vinícius. John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº 17, maio/jun./jul./ago. 2001

DEWEY, John. **Vida e educação**. 10.ed, São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade brasileira**. São Paulo: Dominus Editora, 1966.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Filosofia da educação e ensino**: perspectivas neopragmáticas. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

KILPATRICK, William Heard. **Educação para uma civilização em mudança**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

MAGEE, Bryan. **História da filosofia**. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDONÇA, Ana Valeska. **Universidade e formação de professores**: uma perspectiva integradora. A “Universidade de Educação” de Anísio Teixeira. Rio de Janeiro, Departamento de Educação, PUCRJ, 1993, Tese de doutorado.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira: a poesia da ação. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Ed. Autores Associados, nº 16, jan., fev., mar., abr. 2001,

\_\_\_\_\_. Clarice. Verbete “Anísio Teixeira”. In: **Dicionário de educadores no Brasil**: da colônia aos dias atuais. (Orgs.): Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero, e Jader de Medeiros Britto. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ e INEP, 1999.

PAGNI, Pedro Angelo. **Do “Manifesto de 1932” à construção de um saber pedagógico**: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

SANTOS, Francisco dos. Peirce e o pragmatismo. In: **REVISTA DA FEBE**. Brusque-SC, nº 5, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Anísio Teixeira**: um clássico da educação brasileira. Disponível em: <<http://www.filosofia.pro.br/anisio Teixeira/index.html>>. Acesso em: 02/02/02.

\_\_\_\_\_. Sobre a atualidade de Anísio Teixeira. In: SMOLKA, Ana Luiza Bustamante e MENEZES, Maria Cristina (orgs.). **Anísio Teixeira - 1900-2000**: provocações em educação. Campinas-SP: Ed. Autores Associados, 2000.

SQUINSANI, Rosimar Siqueira. **Anísio Teixeira**: traços biográficos e uma entrevista com Isolda Holmer Paes. In **Espaço Pedagógico**. Passo Fundo, v. 7, n.2 p. 87-99, dez. 2000.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000.

TOMAZETTI, Elisete M. **Anísio Teixeira**: alguns apontamentos em comemoração ao centenário de seu nascimento. In: **REVISTA “EDUCAÇÃO”**. Santa Maria, v.25, n.02, 2000.

TURIBA, Luis. O homem que sonhou a UnB. In: **Revista UnB**. Brasília, Edição Especial, jul. 2000, p. 4.

VIANA FILHO, Luís. **Anísio Teixeira**: a polêmica da educação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

**Recebido em dezembro de 2004**  
**Aprovado em fevereiro de 2005**